Arte & Ensaios
vol. 31, n. 50,
jul.-dez. 2025

A imagem difusa da liberdade. Reflexões sobre o espiritual, a política e a estética

The diffuse image of freedom. Reflections on spirituality, politics, and aesthetics

Omar Alonso García Martínez
0000-0002-9225-9903
oagarcia@sanmateo.edu.co
oagarciamar@unimagdalena.edu.co

Tradução de
Julie Brasil
0000-0003-3108-2478
julie.brasil@unirio.br

Resumo

Este trabalho propõe uma série de reflexões sobre o conceito de liberdade em relação à política, à estética e à noção de poder como elemento mediador. A ideia de liberdade transcendeu o tempo e o espaço como uma narrativa associada ao bem-estar e à promessa de plenitude. Essas representações aparecem tanto em textos sagrados quanto em discursos políticos, em que a punição e a força são empregadas como mecanismos de controle e submissão para alcançar uma imagem idealizada de felicidade coletiva. A análise se desdobra em diversos campos de estudo, incluindo o Jardim do Éden e a Faixa de Gaza, compreendidos por meio de uma leitura hermenêutica da imagem e do discurso, na qual convergem o simbolismo bíblico e a retórica do poder político. Por fim, estabelece-se uma relação entre liberdade e movimentos libertários contemporâneos, com destaque para as posturas de Javier Milei, cujo discurso transforma a política em um ato de espetacularização midiática que reconfigura as percepções de poder e a própria ideia de liberdade.

Palavras-chave
Liberdade. Política. Arte. Poder.

PPGAV/EBA/UFRJ
Rio de Janeiro, Brasil
ISSN: 2448-3338
DOI: 10.60001/ae.n50.23

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 50,
jul.-dez. 2025

Resumen

Este trabajo propone una serie de reflexiones sobre el concepto de libertad en relación con la política, la estética y la noción de poder como elemento mediador. La idea de libertad ha trascendido el tiempo y el espacio como una narrativa asociada al bienestar y a la promesa de plenitud. Estas representaciones aparecen tanto en textos sagrados como en discursos políticos, donde la punición y la fuerza se emplean como mecanismos de control y sometimiento para alcanzar una imagen idealizada de felicidad colectiva. El análisis se despliega en diversos campos de estudio, incluyendo el Jardín del Edén y la Franja de Gaza, comprendidos a través de una lectura hermenéutica de la imagen y del discurso, en la cual convergen el simbolismo bíblico y la retórica del poder político. Finalmente, se establece una relación entre la libertad y los movimientos libertarios contemporáneos, con énfasis en las posturas de Javier Milei, cuyo discurso transforma la política en un acto de espectacularización mediática que reconfigura las percepciones del poder y la propia idea de libertad.

Palabras clave

Libertad. Política. Arte. Poder.

A dialética da liberdade

O que é liberdade? Ao longo da história, a humanidade tem buscado com persistência essa ideia, talvez sem compreender plenamente seu alcance e suas limitações. Vale a pena, no entanto, perguntar se ela foi realmente alcançada ou se, ao contrário, trata-se de uma concepção equivocada que funciona como uma espécie de placebo social. A liberdade funciona como um argumento político que recorre a uma narrativa emocional, prometendo um futuro de bem-estar e realização, mas que raramente se materializa de forma concreta no cotidiano das coletividades. Georges Didi-Huberman (2017, p.368) utiliza a metáfora do som para compreender o jogo das imagens que, nesse caso, estão relacionadas à ideia de liberdade e operam de acordo com a experiência.

> A misteriosa dialética entre "regressão e progressão" – esse tambor rítmico – na qual o poder "mágico" das imagens se desdobra, entre afetos e conceitos, explosões pulsionais e construções intelectuais, retornos do imemorial e discussões sobre o futuro.

O tambor mágico troveja com imagens que viajam em todas as direções, viajam com a intensidade de uma onda e se dissolvem no espaço social, interpretativo e mediado pelo poder. Os sons e ritmos da imagem são abstratos, possibilidades que fluem livremente até ser interrompidas por sínteses morais.

Podemos supor que a palavra liberdade vem do latim *liber* (adjetivo), que se refere a uma condição de autonomia absoluta em termos políticos ou jurídicos. Esse conceito também está ligado a *ingenui*, termo que designava indivíduos nascidos livres, e a *libertini* ou *liberti*, que aludia àqueles que haviam nascido escravos e conquistado sua emancipação. Em todos esses casos, o conceito desempenha uma categoria tanto simbólica quanto física.

Nesse sentido, o significado fundamental de liberdade é entendido como um ato de poder, uma capacidade de decidir sobre si mesmo ou sobre o outro, classificando o conceito nas relações de corpo e emoção. Da mesma forma, situamos o poder da liberdade no espaço: as fronteiras, os muros e os documentos estabelecem uma relação com o entorno, categorizando a liberdade entre cidadãos, visitantes, turistas, imigrantes indocumentados, deslocados internos e fugitivos.

Por outro lado, a interpretação de textos divinos como a *Bíblia* criou dogmas espirituais que se tornaram crenças sociais para a compreensão da liberdade, uma espécie de gato de Schrödinger , um paradoxo "onde se está numa sobreposição indeterminada entre vivo e morto antes que a observação venha a defini-la" (Echavarría, 2024, p.95), e essa incerteza é recriada nos espaços sociais, espirituais e políticos, onde os vivos podem ser interpretados como livres e os mortos como condenados, ou a vida como um castigo e a morte como salvação.

O paradoxo da liberdade pode ser medido na imagem dos escravizados africanos que foram sequestrados de suas terras natais e enviados às Américas para realizar trabalhos forçados. Sua condição era entendida como uma forma de "morte em vida", daí o anseio pela morte como meio de alcançar a liberdade que lhes fora roubada em vida. Para o fotógrafo Sebastião Salgado, essa reflexão pode ser resumida na frase "Aqui, as pessoas se acostumam a morrer" (Scherer, 2024).

A liberdade, contudo, não é uma condição plena; é um processo em permanente construção, motivado por mudanças paradigmáticas e jogos de poder, determinados por fatores sociais (interpretativos), culturais (estéticos), econômicos (de aquisição), éticos (espirituais) e políticos (administrativos) que definem seus limites e possibilidades conforme a conveniência. A imagem da liberdade é uma variante dialética que transita por diversas categorias – sob a perspectiva da liberdade e da restrição – na interpretação do poder.

A imagem do mito do paraíso, da liberdade e dos acontecimentos atuais

A linguagem figurativa dos textos bíblicos pode ser entendida como uma narrativa que busca o princípio da liberdade em povos específicos, mas também é mediada pela classificação do bom e do mau, do positivo e do negativo. O conceito de liberdade se desenvolve mediante três categorias principais: a espiritual, a estética e a política.

A primeira delas está representada na genealogia da cultura cristã, especialmente na história do paraíso com Adão, Eva, a serpente e Deus. No relato bíblico do *Gênesis*, Deus pergunta: "Comeste da árvore da qual te ordenei que não comesses?" (*A Bíblia*, 1960, p.4). Essa ordem divina nos convida a refletir sobre diversos aspectos fundamentais do conceito de liberdade.

A segunda perspectiva é centrada na projeção de imagens de liberdade como um simulacro criado em textos bíblicos ou narrativas de poder, em busca da própria noção de liberdade que, paradoxalmente, mas a partir da lógica do poder, não admite diferença e está relacionada às diretrizes de uma política absolutista.

O conceito de espaço como ideia geopolítica está intimamente ligado à narrativa bíblica. O Jardim do Éden[1] é concebido como um lugar de bem-estar, tranquilidade e abundância, projetado pelo ser todo-poderoso – um artista-político – cujas regras deviam ser rigorosamente seguidas.

Um estilo semelhante de jardim-paraíso pode ser encontrado em *videogames* de simulação de vida, jogos Sandbox ou simuladores de Deus, nos quais o criador-artista estabelece regras – de natureza política – que suas criações devem seguir com profunda precisão.

Para Rodrigo Mendizábal (2004), os jogos eletrônicos reorganizam, em certa medida, a ideia de Walter Benjamin do autor como produtor em relação à "ideia da obra de arte como modelo, de uma 'arte que se ensina', que se relaciona ao processo que Benjamin chama de literaturização das condições de vida" (Carvajal Edwards, 2005, p.287).

O Jardim do Éden é uma estrutura hierárquica em forma de pirâmide na qual a divindade (artista-criador) está situada na elaboração do programa simbólico

> para o indivíduo como um deus/criador e organizador do mundo. Assim, eles são delineados como metáforas do real, em que a sociabilidade é simulada e a dinâmica da recomposição individual das relações sociais é aprendida (Mendizábal, 2004, p.61).

[1] A palavra Éden (דעֵ) é de origem hebraica e significa 'deleite'. O jardim do 'éden' (דעֵן ג" Gan Eden) foi onde Adão passou sua infância na companhia de Eva (o hotel de Adão, hehe). Missionários franciscanos do século 16 o "identificaram" com uma parte de Tlalocan e, tendo em mente a lenda das "tribos perdidas de Israel", acreditaram ter vislumbrado uma remota origem hebraica para os habitantes do Novo Mundo. Sinônimos usados são: céu, glória, paraíso; antônimos são: Geena, inferno, Mictlan, submundo. Adão vem da palavra hebraica *adam*; as contribuições do Éden para o mundo são: o pomo de Adão, que todos os humanos possuem na laringe; o terno de Adão, que é muito confortável porque não requer gravata; e a figueira de Adão, que produz bananas enormes em terras africanas. D*iccionario Etimológico de Chile* (2025) Éden. Disponível em: https://etimologias.dechile.net/?ede.n

Arte & Ensaios
vol. 31, n. 50,
jul.-dez. 2025

Figura 1
Direita. Sem autoria, *Adão e Eva*, 1350 Proveniência: Hagadá de Sarajevo Localização atual: Museu Nacional da Bósnia e Herzegovina Fonte: https://www.ucm.es/ecologiaysostenibilidadenla-edadmedia/adan-y-eva

Figura 2
Esquerda. BBB, *Todos os lugares onde fomos felizes se tornaram cemitérios*, 2025 Disponível em: https://ichef.bbci.co.uk/ace/ws/640/cpsprodpb/3fc0/live/ed2b-9210-81a4-11ef-ad45-893a-a022fcbc.png.webp

De uma perspectiva dogmática e clássica, a liberdade está associada ao conceito de beleza, mas a beleza está ligada à ordem, à harmonia e à tranquilidade. Segundo Arturo Uslar Pietri (1955, p.32), a beleza está relacionada à "fidelidade da imitação" da natureza. Além disso, tudo o mais lhe parece como regras convencionais que o talento criativo pode descartar quando julgar necessário. Nessa linha de pensamento, a discussão sobre a liberdade tradicional pode ser compreendida pelas categorias de belo (beleza), ética (cidadão de bem) e estrita adesão a um líder (religião, política ou ideologias).

No contexto do paraíso, a liberdade era limitada por um conjunto de regras que, em certa medida, contradiziam o princípio de independência. Embora Adão e Eva desfrutassem de abundância e harmonia, sua autonomia era restringida pela proibição de comer do fruto da árvore do conhecimento. Na figura 1, dois momentos simbólicos podem ser distinguidos. No primeiro (acima), um ambiente

fértil é retratado em tons de verde e dourado, evocando serenidade e plenitude. Os corpos nus dos primeiros seres humanos refletem uma liberdade do corpo isenta de vergonha ou culpa. Essa liberdade do corpo, contudo, carece de sentido comparativo, visto que no paraíso não havia outro ser humano de quem se esconder.

Na segunda seção (parte inferior), os tons ocre e avermelhados simbolizam punição e perda. O poder divino manifesta-se pela expulsão do paraíso, transformando a fertilidade em deserto e a inocência em dor. O ato de desobediência de Adão e Eva representa, portanto, o nascimento da consciência moral: a liberdade deixa de ser um estado natural e torna-se um fardo ético que acarreta responsabilidade e consequências.

Assim, a liberdade no mito do *Gênesis* não é apresentada como uma condição absoluta, mas como uma experiência paradoxal. No paraíso, a humanidade tinha a liberdade sob controle; fora dele, a autonomia é conquistada em troca de sofrimento. A narrativa bíblica estabelece, portanto, uma tensão entre obediência e autodeterminação que permeia toda a história do pensamento ocidental. A expulsão marca não apenas o início da humanidade, mas também o começo de uma busca constante pelo equilíbrio entre desejo, conhecimento e moral na construção eterna do sentido da liberdade.

> O paraíso se perdeu para sempre; o indivíduo está sozinho e enfrenta o mundo; é um estrangeiro abandonado em um mundo ilimitado e ameaçador. A nova liberdade certamente criará um profundo sentimento de insegurança, impotência, dúvida, solidão e angústia. Esses sentimentos podem ser aliviados se o indivíduo trabalhar com êxito (Fromm, 2004, p.90-91).

A imagem de Gaza em momentos distintos (figura 1) estabelece uma relação dialética entre a liberdade e a autoridade, em que a primeira representa a ideia de terra prometida, centrada na idealização da harmonia e da imagem, e a segunda encarna o castigo divino que surge do caos como imagem indesejada.

A terceira categoria é a política e seu poder de interpretar os campos espiritual e estético como uma forma de hibridização. A política é geralmente vivenciada com paixão, como uma espécie de sacralidade em relação a uma imagem personificada por um político. Há uma espécie de mandato divino, muitas vezes autoimposto; figuras políticas utilizam estratégias de disseminação estética

para alcançar seus seguidores por meio das categorias do belo, da ordem, da harmonia e da tranquilidade. Elas estabelecem narrativas para oferecer bem-estar, independentemente de, ao obter esses atributos, desconsiderar o "outro" como um sujeito que não se encaixa em seus padrões de liberdade.

Poder-se-ia argumentar que a constituição[2] de um lugar (país, cidade ou instituição) é determinada por uma espécie de divindade, uma entidade que não pode ser vista, ouvida ou tocada, mas cuja influência pode ser sentida por meio de seus pronunciamentos. A política funciona como veículo para o discurso, e todos os discursos são imbuídos de seus atributos originais (beleza, ordem, harmonia e tranquilidade). Os textos sagrados servem a este propósito: relacionar o bom e o mau na construção de cenários de liberdade mediados pelo poder.

Liberdade *versus* bem-estar: uma leitura a partir da tradição cristã

A tradição cristã permeou profundamente tanto a mente consciente quanto a subconsciente dos seres humanos, moldando uma série de imaginários que, ao longo dos séculos, condicionaram sua compreensão de poder, moral e liberdade. Essas construções simbólicas frequentemente associam obediência ao bem-estar e fé à promessa de uma vida plena. Esse bem-estar não implica, contudo, necessariamente liberdade. O bem-estar se manifesta como um estado

[2] A palavra constituição vem do latim *constitutio*, *constitutionis*, substantivo formado a partir do verbo *constituere* (estabelecer, colocar, organizar, construir). Esse verbo é formado pelo prefixo *con-* (junto, a ideia de um conjunto) e pelo verbo *statuere* (colocar, situar, organizar, erguer) com raiz apofônica. *Statuere* é verbo derivado de *stare* (estar de pé), cuja raiz indo-europeia é *sta-* (estar de pé). A palavra *constitutio* significa, portanto, a situação, o arranjo e a organização conjunta das coisas, e na esfera jurídica, na Roma antiga, passou a designar as disposições legais que regulamentavam algo de forma conjunta e completa. Constituições já existiam durante a era republicana, mas, posteriormente, as chamadas constituições imperiais tornaram-se muito importantes. Essas eram promulgadas sucessivamente pelos diversos imperadores, compilando as leis mais importantes que, em conjunto, deveriam regular seus reinados. É por isso que, em última análise, uma constituição acaba por significar a lei mais fundamental de um Estado, abrangendo os direitos e deveres dos cidadãos, definindo poderes e instituições, estabelecendo a organização geral e servindo como base comum para todos os outros desenvolvimentos ou disposições legais. O verbo *statuere* possui muitos derivados, como *statue*, *statue*, *institute*, *destitute*, *prostitute*, *substitute*, etc. Ainda mais numerosos são os derivados ligados a *stare* e seus verbos relacionados, como *to be*, *estament*, *stay*, *shelf*, *circunstance*, *to consist*, *to cost*, *to be distant*, *instant*, *obstacle*, *obstetrics*, *to lend*, *to subtract*, *yarn*, *state*, *statistics*, *stable*, *constable*, *to destin*, *to establish*, *to restore*, *restaurant*, *testament*, *protest*, *witness* e *post* (Diccionario..., 2025).

de conforto, estabilidade e satisfação, enquanto a liberdade implica movimento, dúvida, contradição e, sobretudo, a possibilidade de escolha, mesmo quando essa escolha envolve risco ou dor.

Na narrativa do *Gênesis*, essa tensão é evidente na história de Adão e Eva. A decisão de comer o fruto proibido pode ser interpretada não apenas como um ato de desobediência, mas também como um gesto de curiosidade e busca por conhecimento. A citação "De toda árvore do jardim podes comer livremente; mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás" (*A Bíblia*, 1960, p. 3) revela um limite imposto ao desejo humano de saber. Nesse contexto, o conhecimento torna-se uma forma de liberdade que desafia a autoridade divina, mas também a causa da perda do bem-estar paradisíaco.

O ato de Adão e Eva pode, portanto, ser interpretado como um momento de emancipação simbólica: a humanidade ousa sair do conforto da obediência para confrontar o peso da consciência, da moral e da incerteza. Eles deixam para trás um paraíso sem conflitos para entrar em um mundo onde a liberdade exige responsabilidade e sofrimento.

Em termos contemporâneos, essa relação entre bem-estar e liberdade pode ser projetada nas dinâmicas atuais de poder e dominação. Assim como o paraíso oferecia segurança em troca de submissão, hoje existem sistemas políticos e sociais que prometem estabilidade à custa da autonomia individual. A comparação das imagens da Faixa de Gaza – figura 1 – ilustra como a busca pela liberdade pode levar à destruição do aparente bem-estar, revelando que toda aspiração emancipadora acarreta um custo que a humanidade continua disposta a pagar.

A disputa entre Palestina e Israel remonta à antiguidade, quando filisteus e israelitas entraram em conflito pela posse da terra prometida. Esse conflito, mais do que uma confrontação territorial, incorpora uma luta simbólica entre poder, fé e sobrevivência. Uma alusão a essa inimizade ancestral pode ser encontrada nas narrativas *do Êxodo*: "A dor se apoderará da terra dos filisteus" (*A Bíblia*, 1960, p.104). Essa frase, carregada de força profética, pode ser interpretada como uma declaração que transcende os séculos, uma sentença que ecoa ao longo da história e parece condenar os descendentes de ambos os povos a confronto perpétuo.

A Bíblia apresenta os filisteus como um povo poderoso, mas também como o inimigo constante do povo escolhido. No imaginário religioso, essa figura do "outro" tem sido fundamental para justificar a violência como um mandato divino ou destino histórico. Por trás das narrativas sagradas, contudo, também se encontram reflexões sobre a fragilidade humana e a ambiguidade moral do poder. As guerras do Antigo Testamento não descrevem apenas a conquista de territórios, mas também a luta interna entre obediência, justiça e liberdade.

Por outro lado, o livro do profeta Jeremias (47:4-5, *A Bíblia*, 1960) retrata de forma contundente a destruição de Gaza, tanto em suas dimensões físicas quanto simbólicas. "Por causa do dia que virá para destruir todos os filisteus... Gaza será despojada de tudo, Ascalom perecerá, e o restante do seu vale será destruído". Nessa passagem, a devastação não provém apenas do poder militar dos homens, mas também da manifestação da divindade por meio da natureza: o mar, o vento e o fogo tornam-se instrumentos de punição. A força divina alia-se à violência humana, reafirmando a ideia de que o poder absoluto não destrói apenas corpos, mas também memórias, culturas e modos de vida.

Vista de uma perspectiva contemporânea, essa antiga disputa entre israelitas e filisteus ecoa tragicamente a atual disputa entre Israel e Palestina. A destruição de Gaza, cidade que foi o berço de civilizações, se repete sob novas formas de poder político, tecnológico e militar. As ruínas bíblicas transformam-se hoje em escombros modernos, em que a divindade parece ter sido substituída pela lógica da dominação e da vingança. Assim, a história sagrada e a história humana se entrelaçam, revelando que a violência outrora justificada como mandato divino permanece, milhares de anos depois, um legado não resolvido de mito e poder.

> A palavra do Senhor que veio ao profeta Jeremias a respeito dos filisteus, antes que Faraó destruísse Gaza. Assim diz o Senhor: "Eis que águas sobem do norte e se tornarão uma torrente; inundarão a terra e tudo o que nela há, a cidade e todos os seus habitantes; e o povo clamará, e todos os habitantes da terra lamentarão. Por causa do ruído dos cascos dos seus cavalos, por causa do barulho das suas carruagens, por causa do estrondo das suas rodas, os pais não cuidaram de seus filhos, porque as suas mãos estavam fracas, por causa do dia que vem para destruir todos os filisteus, para destruir Tiro e Sidom e todos os seus aliados restantes; porque o Senhor destruirá os filisteus e o resto da região costeira" (*A Bíblia*, 1960, p.1101).

As diferenças e semelhanças nas situações da Figura 1, tanto na representação de Adão e Eva quanto na de Gaza, convergem para uma só ideia: a de um decreto divino que transcende o tempo e a história. Em ambos os casos, a transformação da paisagem, de verdejante para desértica, de abundante para arruinada, simboliza a perda do bem-estar como consequência da transgressão ou do castigo.

Essa leitura destaca como as narrativas religiosas continuam a influenciar a interpretação que as pessoas apresentam sobre a violência e a legitimidade do poder. Ao perpetuar a imagem do "povo escolhido" *versus* o "inimigo condenado", os crentes continuam um processo de não reconhecimento do outro, em que as diferenças são justificadas como verdades reveladas e as ações sancionadas pela vontade divina, repetindo, assim, o antigo ciclo de exclusão e destruição.

Da liberdade aos libertários

A liberdade inspira fervor e reverência, mas é uma imagem abstrata sujeita a múltiplas interpretações. Textos sagrados e discursos políticos convergem na simbologia da justiça e na promessa de um futuro melhor; são, contudo, geralmente determinados por estruturas de poder que utilizam a estética como método narrativo de sedução.

Discursos ligados aos mandamentos de uma divindade – frequentemente associados à punição – tomam forma na história das nações por meio de leis e constituições, documentos que regulam o comportamento social e geram tensões entre o bom e o mau, o ético e o irracional, o bem e o mal.

O paradoxo encontrado em algumas interpretações da liberdade em textos sagrados reflete, em grande medida, a subjetividade humana. A ingenuidade, entendida como a falta de pensamento crítico no discurso bíblico e político, contrasta com o conhecimento positivista, que obedece à razão e à verificação dos fatos. Em ambos os enfoques, as imagens resultantes ficam presas numa tensão entre sentimentos e raciocínio, difíceis de conciliar.

As figuras de Deus e dos políticos oferecem espaços idílicos condicionados pela obediência e pela promessa de segurança. Assim, a "terra prometida" aparece subordinada à ideia de realização, que, em vez de uma concretização genuína, se torna uma estratégia simbólica de controle e submissão.

Em diversas partes do mundo, manifesta-se a dialética entre Deus e o político, em que a busca pela liberdade acaba por levar ao estabelecimento do controle absoluto do poder. A Faixa de Gaza permanece como ruína permanente de dor, a mesma anunciada nos textos bíblicos, em que a punição seria a expropriação de seu território e cultura.

A intolerância à diferença molda a imagem do conflito: uma tensão entre liberdade e obediência, entre o desejo de destruição e a vontade de sobreviver. É uma ferida dialética que não pode ser curada. A liberdade não pode ser entendida como uma conquista definitiva, mas sim como uma ferida que não deve ser totalmente fechada, para que permaneça como lembrança dos acontecimentos; uma ferida que, no entanto, precisa ser curada para impedir que a dor se torne um destino perpetuado.

No contexto sul-americano contemporâneo, novas formas de política libertária emergem como resposta às estruturas de poder centralizadas, às desigualdades históricas e às narrativas hegemônicas herdadas do período colonial. Essas manifestações não se restringem a partidos ou estruturas tradicionais, mas se expandem para as margens: para movimentos sociais, práticas artísticas, defesa territorial e lutas por corpos e memórias. Nesse cenário, a liberdade deixa de ser um ideal abstrato e se torna uma prática cotidiana de resistência.

Nos últimos anos, o termo “libertário” ganhou força em países como Brasil, Argentina, Chile e Colômbia, estabelecendo uma ideia contemporânea de desobediência ao Estado. É importante, no entanto, não confundir os conceitos de liberdade e libertários: enquanto a liberdade é exercida a partir de uma perspectiva ética e coletiva, os libertários promovem uma visão centrada no individualismo e na supremacia do mercado.

A filosofia, a história e a arte conceberam a liberdade como um ideal moral compartilhado, orientado para o bem comum. Em contrapartida, alguns líderes libertários contemporâneos, como Javier Milei na Argentina e Jair Bolsonaro no Brasil, reduziram esse conceito a uma lógica econômica neoliberal, promovendo cortes nos gastos sociais e subordinando valores humanos aos interesses do capital.

A liberdade entra em um novo paradoxo: em ambos os casos, ela é apresentada como a ausência de limites, mas, em seu pano de fundo, transforma-se em

uma forma silenciosa de controle, mediada pela estética que produz imagens no mercado e no discurso político.

Os libertários veem o Estado como uma entidade opressora que restringe suas liberdades nas áreas de poder de compra, política e expressão. Na Argentina, Javier Milei exemplifica a espetaculização do discurso político como estratégia para angariar apoio, apelando à emoção e à nostalgia nacional. Embora condene eventos históricos relacionados a violações de direitos humanos cometidas por governos ditatoriais, seu discurso é acompanhado por uma retórica que promete restaurar a prosperidade e a realização pessoal no país.

Milei chegou ao poder com a ideia de restaurar os valores tradicionais que, segundo ele, outrora fizeram da Argentina uma grande nação: uma espécie de "reconquista" da abundância econômica, entendida como um ato de liberdade. Nessa narrativa, a imagem do passado funciona como um novo Éden, um artifício simbólico que oferece a promessa de um futuro melhor por meio da evocação de um passado glorioso.

Para os libertários, a liberdade pode ser um processo medido por seu valor de troca: a produtividade de um indivíduo ou de um produto determina o preço de sua liberdade, uma espécie de julgamento que atua como regulador dos direitos. Sob essa lógica, a educação, a saúde e a cultura deixam de ser concebidas como direitos fundamentais e tornam-se bens negociáveis, mercadorias que podem ser adquiridas desde que se tenha o capital necessário, independentemente de sua origem. O que importa não é a equidade, mas o poder de compra.

No caso de Jair Bolsonaro no Brasil, a ideia de liberdade se entrelaça com posturas sagradas e moralistas, caracterizadas pelo controle, pela censura e pela rejeição do pensamento científico. Seu discurso constrói uma imagem autoritária na qual o "outro", o diferente ou o dissidente carecem de espaço e legitimidade, mesmo quando tentam acessá-los. Nesse contexto, o libertarianismo se dissolve em um conservadorismo radical que associa o Estado a uma figura divina, um Deus que pune a diferença e restaura a ordem por meio da violência e do medo.

A memória histórica tem sido uma ferramenta para a emancipação do poder; contudo, quando a liberdade se torna um meio de concentração de poder, ela age como arma que se manifesta na estética da sociedade. É essa estética que determina gostos, modos de vestir, falar e se comportar, especialmente nos

espaços digitais. A visão utilitarista proposta pelos libertários pode ser entendida como um sistema de privilégios acessível apenas a poucos, embora muitos aspirem a ele. Para alcançar esse objetivo, recorrem à simulação de imagem, uma representação performativa do eu projetada em direção a um futuro estado de realização.

"Viva a liberdade, caralho!" é o grito de guerra de Javier Milei, aprimorado em entrevistas de rádio e televisão antes de chegar ao poder. Em 6 de outubro de 2025, Milei organizou um evento que fundiu política com espetáculo: o lançamento de seu livro, *A construção do milagre*, culminou em um *show* de *rock* com ele mesmo como atração principal. A entrada era gratuita, fato que, em termos libertários, é paradoxal, pois contradiz a lógica do valor de troca que sustenta sua ideologia.

Nessa performance, Milei incorpora simultaneamente o papel de político, astro do *rock* e messias: uma figura híbrida, um deus-artista que ordena o sentido de seu próprio espaço simbólico e reúne seguidores que o veneram como guia e salvador.

Há alguns anos, a liberdade tem sido mediada pela interconexão digital. Hoje, o engajamento político parece mais acessível do que nunca, e um claro exemplo disso é a ideologia libertária, que vem ganhando terreno nas redes sociais como um fenômeno transnacional em todo o continente. Como força contrária, movimentos sociais como Ni Un a Menos, La Primera Línea e Pueblos Sin Fronteras também utilizam plataformas digitais como meio de comunicação e articulação de suas posturas, desafiando os monopólios da mídia tradicional que, sob o pretexto da "liberdade de imprensa", impõem agendas políticas disfarçadas de atos de transparência.

Tanto os libertários quanto os movimentos sociais utilizam a liberdade da internet para disseminar suas mensagens, num ato que poderia ser considerado democratização da informação. Essa abertura, contudo, não deve ser confundida com verdadeira liberdade, visto que a mediação tecnológica também estabelece novos mecanismos de controle, vigilância e manipulação simbólica.

A liberdade – e com ela os libertários – parece estar orientada à busca do poder como instrumento de dominação, transformando-o em imagem difusa e distorcida que legitima formas de autoritarismo. Nesse contexto, as instituições e a burocracia funcionam como dispositivos estéticos que moldam um cânone de

"vida digna": uma versão contemporânea do paraíso prometido, aquele espaço idealizado pelo qual a humanidade lutou durante séculos e pelo qual a liberdade custou milhões de vidas.

Omar Alonso García Martínez *é doutor em artes visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2021), mestre em comunicação-educação e mestre em artes plásticas e visuais pela Universidade Distrital Francisco José de Caldas – Faculdade Asab. É par acadêmico do Ministério da Educação Nacional (Colômbia) e líder do grupo de pesquisa Designio: Estudos da Imagem, categorizado como A1 pelo Ministério de Ciência, Inovação e Tecnologia (Colômbia). Autor de diversas publicações sobre imagem, memória e história, atua como coordenador de pesquisa do Programa de Design Gráfico da Fundação Universitária San Mateo e como professor da Universidad de Magdalena.*

Julie Brasil *é artista visual e professora na Unirio. Doutora em imagem e cultura, mestre em artes visuais e graduada em pintura pela UFRJ. Sua obra explora trauma, política, consumo e ironia. Participou de exposições no Museu da Cidade, Sesc, Caixa Cultural, CC Brasil México, Festival de Vídeos de Kassel entre outros espaços.*

Referências

A BÍBLIA. *Gênesis*. 1960 Disponível em: https://ibvictoria.cl/wp-content/uploads/2013/07/biblia-reina-valera-1960.pdf.

CARVAJAL EDWARDS, Maria Fernanda. Reseña de "El autor como productor" de Walter Benjamin. *Aisthesis*, n.38, p.286-290, 2005.

DICCIONARIO Etimológico de Chile. Definiciones. 2025. Disponível em: https://www.dechile.net/

DIDI-HUBERMAN, Georges. (2017) *Pueblos en lágrimas, pueblos en armas*. Santander: Contracampo Shangrila, 2017. (El ojo de la historia 6)

ECHAVARRÍA, Ricardo Restrepo. Realismo, relatividad general y el gato de Schrödinger. *Sophia, Colección de Filosofía de la Educación*, n.37, p.79-101, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.17163/soph.n37.2024.02.

FROMM, Erich. *El miedo a la libertad*. Buenos Aires. Paidos, 2004.

MENDIZÁBAL, Rodrigo. *Máquinas de pensar. Videojuegos, representaciones y simulaciones de poder.* Quito. Universidade Simón Bolívar, 2004.

SCHERER, Jacques. Wenders, por los caminos de Sebastião Salgado, 2024. Disponível em: https://web.ultracine.com/2015/08/20/wenders-por-los-caminos-de-sebastiao-salgado/.

USLAR PIETRI, Arturo. Classicismo y romantismo en la obra de Andrés Bello. 1955. Disponível em: http://historico.upel.edu.ve:81/revistas/index.php/letras/article/viewFile/5481/2861.

Como citar:

MARTÍNEZ, Omar Alonso García. A imagem difusa da liberdade. Reflexões sobre o espiritual, a política e a estética. Tradução de Julie Brasil. Arte e sensibilidades no enfrentamento ao horror contemporâneo: um dossiê político-poético. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 31, n. 50, p. 334-349, jul.-dez. 2025. ISSN-2448-3338. DOI: https://doi.org/10.60001/ae.n50.23. Disponível em: http://revistas.ufrj.br/index.php/ae